UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

CAMILA RUSSO DE ALMEIDA SPAGNOLI

# A *História* é do mundo, deHillyer, Lobato ou Dona Benta? É de muitos autores!

São Paulo

2014

CAMILA RUSSO DE ALMEIDA SPAGNOLI

# A *História* é do mundo, deHillyer, Lobato ou Dona Benta? É de muitos autores!

Projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Pós Graduação em Literatura Brasileira do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como requisito parcial para a seleção de ingresso no Curso de Doutorado.

Orientador: Marcos Antonio de Moraes

São Paulo

2014

# A *História* é do mundo, deHillyer, Lobato ou Dona Benta? É de muitos autores!

# Resumo:

Além das atividades enquanto ficcionista, editor, tradutor e crítico, Monteiro Lobato (1882-1948) muito se dedica às leituras. Nas cartas d’*A barca de Gleyre*, correspondência literária entre Lobato e Godofredo Rangel (1884-1951), publicada em 1944 pela Companhia Editora Nacional, nos deparamos comreferências a escritores de diferentes literaturas: brasileiros, franceses, portugueses, alemães, ingleses, russos, italianos, americanos, gregos... cada um tem seu espaço no repertório lobatiano. Esse contato de Lobato com outras literaturas amplia-se na medida em que, de leitor, torna-se um difusor de livros estrangeiros, seja por meio de suas traduções ou de novas edições durante a época em que é editor. Logo, o hábito de ler não estava apenas associado a momentos de fruição, trazendo-lhe rendimentos financeiros enquanto ele mantinha-se mergulhado no ofício de tradutor/ adaptador, atividade esta na qual o trabalho propõe focar-se.

A primeira etapa do projeto para o doutorado objetiva aprofundar-se nas traduções e adaptações empreendidas por Lobato; em seguida, far-se-á uma leitura comparada entre a obra *A Child’s History of the World*, de Virgil Mores Hillyer (1875-1931), e a versão lobatiana *História do mundo para as crianças*, considerando questões como a adaptação efetuada, a recepção e outras relações que podem ser exploradas nas notas de leitura deixadas no exemplar de Lobato encontrado na Biblioteca Infantil Monteiro Lobato. Assim, o projeto pretende dar prosseguimento à pesquisa de mestrado: *Monteiro Lobato, o leitor* (2011-2014), orientada pela Profa. Dra. Therezinha Apparecida Porto Ancona Lopez, no Programa de Pós-Graduação em Culturas e Identidades Brasileiras, do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

# Introdução:

A multiplicidade de estudos que o escritor Monteiro Lobato (1882-1948) desperta muito se deve ao seu envolvimento em diferentes áreas. O curso de Ciências Jurídicas e Sociais, frequentado por ele no Largo de São Francisco entre 1900-1904, permite-lhe atuar como promotor público na cidade de Areias, porém sua trajetória é marcada por atividades como fazendeiro, escritor, crítico de arte, jornalista, editor, tradutor/ adaptador, além de sua dedicação de intelectual engajado em defesa do ferro e do petróleo brasileiros.

Em meio a tanta dinamicidade, torna-se difícil ao pesquisador lobatiano dissociar esses vários “perfis”, mesmo para estudar apenas uma dessas facetas, desafio que outros pesquisadores também têm enfrentado[[1]](#footnote-1). Entretanto, o presente projeto define alguns de seus contornos tendo em vista as relações de Monteiro Lobato com a leitura, isto é, a partir do Lobato leitor pode-se verificar o quanto o hábito de ler manteve-se presente ao longo da vida dele.

Nota-se que a estreita relação Monteiro Lobato e livros é algo muito anterior às atividades de ficcionista, editor, tradutor e crítico. Na verdade, é como leitor que durante a juventude ele sonha ser literato; na época em que atua no mercado editorial, seu faro de leitor é utilizado para perceber obras que serão sucesso entre o público; enquanto tradutor, é o leitor que mergulha na obra de outrem para trazê-la para a língua de seu país; é ainda como leitor de textos infantis que sente a necessidade de uma literatura voltada para as crianças brasileiras.

Esses são alguns dos possíveis diálogos quando se pensa na faceta Lobato leitor, lembrando que as referências são ainda muito mais se pensarmos na quantidade de obras lidas ao longo de sua vida, como revelam as cartas reunidas n’ *A barca de Gleyre,* livro que Lobato organiza e publica pela Companhia Editora Nacional em 1944. Cabe lembrar que este conjunto epistolarreúne somente a correspondência ativa endereçada ao amigo e escritor Godofredo Rangel (1884-1951); soma 340 cartas e dois bilhetes. Cobre o período 1903-1948, sendo o primeiro um bilhete sem data, dado como de 1903, e o último, uma carta de 23 de junho de 1948, doze dias antes da morte do remetente, encerrando mais de quarenta anos de conversa epistolar.

O prazer pela leitura é provável que tenha se despertado na infância. Eliane Santana Dias Debus, na tese *O leitor, esse conhecido: Monteiro Lobato e a formação de leitores,* conta que o primeiro livro de leitura de Lobato foi *João Felpudo,* presente da mãe Dona Olímpia, quando ele tinha cinco anos de idade[[2]](#footnote-2). Aliás, segundo Edgard Cavalheiro, a leitura era um dos divertimentos preferido do menino, embora não houvesse muitos títulos para crianças naquele tempo:

“Ele conseguira reunir uns poucos, que lia e relia: três obras de Laemmert, adaptadas por Jansen Müller, e dois álbuns de cenas coloridas – *O menino verde* e *João Felpudo*. Havia ainda o *Robinson* resumido e certo livro de narrativas ingênuas intitulado *Dez contos*, incansavelmente lidos e relidos. Esse último, ele o perdeu no Jardim Público, certa tarde.”[[3]](#footnote-3)

Mas é o Lobato de 1904 quem nos conta as lembranças e descobertas vividas na biblioteca do avô Visconde de Tremembé:

“A biblioteca de meu avô é ótima, tremendamente histórica e científica. Merecia uma redoma. Imagina que nela existem o *Zend-Avesta,* o *Mahabarata* e as obras sobre o Egito de Champollion, Maspero e Breasted; e o Larousse grande; e o Cantù grande; e o Élysée Reclus grande; e inúmeras preciosidades nacionais, como a coleção do *Journal des Voyages* que foi o meu encanto em menino. Cada vez que naquele tempo me pilhava na biblioteca do meu avô, abria um daqueles volumes e me deslumbrava. Coisas horríveis, mas muito bem desenhadas – do tempo da gravura em madeira. Cenas de índios *sioux* escalpando colonos. E negros achantis de compridas lanças, avançando contra o inimigo numa gritaria. Eu ouvia os gritos... E coisas horrorosas da Índia. Viúvas na fogueira. Elefantes esmagando sob as patas a cabeça de condenados. E tigres agarrados à tromba de elefantes. E índios da Terra do Fogo, horríveis, a comerem lagartixas vivas. E eu via a lagartixa bulir... E tragédias do centro da Ásia e lá das Guianas. O rio Orinoco me impressionava muito. Eram os romances de aventuras de Gustave Aimard e Mayne Reid. Certa vez encontrei naquela biblioteca um álbum de fotografias que me tumultuaram o sangue: só mulheres nuas!... Mas não eram mulheres nuas, Rangel: eram nus do Salon. Eu não sabia distinguir. Também encontrei lá todas as obras de Spencer. Essa biblioteca, pela maior parte, fora dum filho de meu avô que depois de formar-se em São Paulo deu de correr mundo, andou pelo Egito e outros países históricos, apanhou febre na campanha romana e morreu num hotel de Nápoles. Secretário de legação. Sua bagagem veio para Taubaté, com os mais preciosos e curiosos livros comprados aqui e ali.”[[4]](#footnote-4)

É interessante observar que o Lobato que se encantava com as histórias quando menino reconhece, anos mais tarde, a necessidade de uma literatura voltada para a criança brasileira. Com as aventuras do *Sítio do Picapau Amarelo,* não só os pequenos puderam se deliciar, muitos adultos também!

Além da biblioteca do avô apresentar uma considerável variedade de títulos, Monteiro Lobato deixa pistas, em *A barca de Gleyre*, de que frequentou os clássicos e obras que eram conhecidas e lidas em sua época. Principalmente, durante a juventude, testemunha-se nas cartas a imagem de um Lobato em formação, leitor voraz que ensaia seus passos como escritor. Nos primeiros anos da conversa escrita, mostram-se as profusas e variadas leituras que lhe integram o cotidiano; na carta de dezembro de 1903, confia a Rangel:

“Leio, leio interminavelmente. Meus olhos já estão cansados. Lamartine me faz ver a Revolução Francesa [...] Quando Lamartine me cansa, mudo-me para Zola na história de Gervaise Coupeau, dos invejosos Lorilleux, da promissora Nanázinha. [...] Farto de Zola, pulo para Michelet na sua visão da Índia primitiva; ele começa bem mas entusiasma-se a ponto de dar pinotes; e eu, assustado, fecho o livro –fecho a boca de Michelet. Vou então para Renan – o sereno evocador da verdade. Renan é água clara e filtrada. Descansa-me. [...]”[[5]](#footnote-5)

Ao mesmo tempo em que as leituras lhe ocupam um importante espaço, Lobato admite que não lê por obrigação, lição esta que ensina ao amigo na carta de 10 de janeiro de 1904:

“Perguntas quantas horas ‘literatizo’. Nem uma, meu caro, porque só leio o que me agrada e só quando estou com apetite. Não troco uma conversa com uma macaquinha (o sexo na mulher corrige a banalidade, no homem agrava-a, diz Machado) pela melhor tragédia de Eurípides, porque por mais banal que seja a moça é sempre mais humana que um livro – e o humano quer o humano. Ler e comer, só quando há apetite; fora daí é uma insuportável *corvée*. Também não escrevo por obrigação. Escrevo quando os dedos comicham – ou quando o Benjamim[[6]](#footnote-6) me *força* a escrever. Neste caso é o meio de ver-me livre do Benjamim. Não tenho horas prediletas – minhas horas são as que coincidem com a disposição. Há horas em nos sentimos extraordinariamente aptos para pensar e tudo nos vem fácil e claro. Outras há em que estamos imaginosos, todo cheios de casulos a picarem, como ovo na hora de sair o pinto. Queria você tirar o pinto antes do tempo – o pinto morre. Estômago e cérebro: duas respeitabilidades. Respeitemo-las, Rangel.”[[7]](#footnote-7)

Ao longo dos quarenta anos dessa troca epistolar*,* há referências aos mais variados assuntos, desde considerações sobre a vida cotidiana até reflexões de cunho filosófico, além dos tão estudados assuntos literários. Estes concernem tanto a autores e obras quanto à produção de Rangel e Lobato, no bojo do caráter testemunhal dessa correspondência.

Na hipótese pela qual os autores que aparecem mais constantemente nas cartas funcionam como eventuais “formadores” do ficcionista, pode-se assinalar, comentados, obras e estilo de romancistas como Anatole France, Gustave Flaubert, Honoré de Balzac, Alphonse Daudet, Guy de Maupassant, Rudyard Kipling, Nietzsche, Émile Zola, Camilo Castelo Branco, Machado de Assis, entre outros.

No entanto, há outros autores; raros na epistolografia de Monteiro Lobato, que parecem não haver marcado de forma decisiva a obra do escritor. Na carta de 12 de janeiro (1910), verifica-se uma lista de teatrólogos mencionados apenas de passagem no conjunto da correspondência com Godofredo Rangel:

“Não me mandes, pois, o teatro francês [...] Tenho deles em Taubaté um metro de estante, e acodem-me os nomes de Robert de Flers e Caillavet, o seu irmão siamês; e Tristan Bernard o Barbinegro, espirituosíssimo e gafadíssimo; e Maurice Donnay, todo sutilezas de bordel e salão; e Alfred Capus, consolador dos que tudo esperam da Sorte; e Rothschild, e Paul Hervieu, e Lavedan, e Henry Cain, e o Octave Mirbeau do Nogueira, e Henri Bataille, e o traumatizante Bernstein, e Dario Nicodemi, o amante da faisandée Réjane; e Porto-Riche, e Tarride, e o Edmond Rostand do Ricardo... Acho que em França há mais teatrólogos do que espectadores.” [[8]](#footnote-8)

Ainda que muitos volumes desses autores ocupem suas estantes, o próprio Lobato os anula, fato este que de algum modo justifica a quase ausência completa do teatro na obra lobatiana.

Por quais autores Monteiro Lobato se interessou? De que forma ele discute literatura com Rangel? Quais referências literárias encontramos nas cartas*?* Quais diálogos podem se estabelecer entre leitura e escritura? O que restou da biblioteca lobatiana?

Estas são algumas das perguntas que me motivaram para pesquisa desenvolvida durante o mestrado, orientado pela Prof.ª Dr.ª Therezinha Apparecida Porto Ancona Lopez, no Programa de Pós-Graduação em Culturas e Identidades Brasileiras, do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

Ao estudar o perfil de Monteiro Lobato enquanto leitor, pudemos também relacioná-lo com outras facetas lobatianas, entre elas, a de ficcionista, jornalista, crítico de arte, tradutor/ adaptador. Em especial, é sobre esta última que o projeto para o doutorado pretende focalizar-se.

# Justificativa:

Vale notar que Lobato assume as atividades de tradutor ao regressar dos Estados Unidos, onde reside no período 1927-1931. Antes disso, ocupara-se com poucos títulos: de Nietzsche, *O crepúsculo dos ídolos* (*Götzen-Dämmerung oder Wie man mit dem Hammer philosophirt*) e *O anticristo* (*Der Antichrist)*, a partir da versão francesa de Henri Albert; alguns contos de Kipling, entre eles, “Um fato” (“A Matter of Fact”); *Minha vida e minha obra* (*My Life and Work*) e *Hoje e amanhã* (*Today and Tomorrow*), de Henry Ford; as versões livres da *História de uma viagem à terra do Brasil***(*Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil: autrement dite Amérique*), de Jean de Léry, e *Meu cativeiro entre os selvagens do Brasil* e *Aventuras de Hans Staden (contadas por Dona Benta)*, de Hans Staden, provavelmente feitas a partir da tradução de** Alberto Löfgren, intitulada *Hans Staden. Suas viagens e cativeiro entre os selvagens do Brasil[[9]](#footnote-9)***.**

Nas páginas d’*A barca de Gleyre* nos deparamos comreferências a escritores de diferentes literaturas: brasileiros, franceses, portugueses, alemães, ingleses, russos, italianos, americanos, gregos... cada um tem seu espaço no repertório lobatiano. No Fundo Monteiro Lobato da Unicamp, localizamos obras nos idiomas inglês, espanhol e francês, além, é claro, dos textos em língua portuguesa.

Enfim, a relação de Lobato com outras literaturas amplia-se na medida em que, de leitor, torna-se um difusor de livros estrangeiros, seja por meio de suas traduções ou de novas edições durante a época em que é editor. Do diálogo entre os diversos perfis lobatianos, leitor, escritor, editor, tradutor e adaptador, algumas indagações devem ser consideradas: Quanto as traduções contribuíram na produção literária do escritor Monteiro Lobato? Ou ainda, quanto Lobato deixou de sua escrita nos textos em que traduziu? Como essa questão se relaciona com um estudo como este? A resposta nos é dada pela pesquisadora Elizamari Rodrigues Becker:

“O tradutor é, sem sombra de dúvida, um leitor muito especial, principalmente quando se trata de um tradutor que é também escritor. Se toda escritura é produto de prévias leituras, como não se ver delinear na produção literária desse tradutor-escritor os textos que dissecou com seu bisturi afiado, que experimentou em seu laboratório em fórmulas de diferentes concentrações?”[[10]](#footnote-10)

Lobato acredita que o tradutor deve ser, além de profundo leitor de outros autores, criador/escritor na língua do seu país, como define o ofício, na carta a Diaulas Riedel, em 1945:

“A tradução de fidelidade literal, isto é, de fidelidade à forma literária em que, dentro da sua língua, o autor expressou o seu pensamento, trai e mata a obra traduzida. O bom tradutor deve dizer exatamente a mesma coisa que o autor diz, mas dentro da sua língua, dentro da sua forma literária; só assim estará realmente traduzindo o que importa: a ideia, o pensamento do autor. Quem procura traduzir a forma do autor não faz tradução – faz uma horrível coisa chamada transliteração, e torna-se ininteligível.”[[11]](#footnote-11)

O número de traduções assinadas por Monteiro Lobato é grande e alguns chegaram até a duvidar desse ritmo acelerado, fato este que o indignava. Cavalheiro relata que, durante anos a fio, o programa de Lobato era levantar-se com o leiteiro, sentar-se à máquina e traduzir vinte páginas diariamente, inclusive domingos e feriados. Parece que, com a mesma velocidade em que ele lia, conforme declarações encontradas nas cartas, também se dedicava às traduções.

Lobato se preocupou com o público adulto, para o qual verteu uma série de livros de outras literaturas e até mesmo atualizou/adaptou obras em língua portuguesa; entre elas, *Memórias de um sargento de milícias,* de Manuel Antônio de Almeida, e *Saudades*, de Bernardim Ribeiro.

Dado o cuidado de aproximar o texto da realidade de seu país, as crianças também ganharam versões abrasileiradas das fábulas de Esopo, La Fontaine e Fedro, adaptações de *Gullivers Travels, Dom Quixote de La Mancha, Alice in Wonderland, Hans Staden, Peter Pan and Wendy...*

O projeto de escrever para crianças manifesta-se em 1916, quando Lobato critica a qualidade das traduções que circulavam no país e a própria defasagem quanto à literatura infantil:

“Ando com várias ideias. Uma vestir à nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisa para crianças.[...] Ora, um fabulário nosso, com bichos daqui em vez dos exóticos, se for feito com arte e talento dará coisa preciosa. As fábulas em português que conheço, em geral traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amora-do-mato – espinhentas e impenetráveis. Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada. Fábulas assim seriam um começo da literatura que nos falta. Como tenho um certo jeito para impingir gato por lebre, isto é, habilidade por talento, ando com ideia de iniciar a coisa. É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos. Mais tarde só poderei dar-lhes o *Coração* de Amicis – um livro tendente a formar italianinhos.”[[12]](#footnote-12)

Este trecho da carta de Lobato a Rangel é exemplar para discutir diferentes aspectos do escritor para crianças que está em formação. Observa-se que, estimulado por sua leitura de La Fontaine e de outros livros infantis, ele sente a necessidade de escrever para as crianças brasileiras. Sua constante preocupação com a linguagem e, principalmente, o desejo de envolver e tornar a literatura acessível a qualquer leitor, motivaram-no a encontrar uma forma peculiar de traduzir e adaptar.

Sua fidelidade ao texto tinha o sentido de traduzir o pensamento do autor, “Não entendia, nem aceitava, a versão literal, ao pé da letra.”[[13]](#footnote-13) Logo, pode-se dizer que, para Lobato, traduzir ou adaptar significava também criar. A inserção de elementos estrangeiros às narrativas levaram aspectos da literatura de outros povos para o espaço do Sítio do Picapau Amarelo. Míriam Giberti Páttaro Pallotta aponta que:

“Em certas obras como *Reinações de Narizinho, Fábulas, D. Quixote de La Mancha, O Minotauro e Os doze trabalhos de Hércules*, ocorre uma ‘apropriação’ de outras culturas, um diálogo extremamente fértil de elementos clássicos e contemporâneos, que provoca uma atualização de elementos estrangeiros e alheios ao contexto brasileiro.”[[14]](#footnote-14)

Cabe ressaltar que o dialogismo e a intertextualidade na criação são recursos muito explorados por Lobato, levando-o a apropriar-se de personagens como Hércules, Alice, Branca de Neve, Peter Pan, etc. Em obrascomo *História do mundo para as crianças, Geografia de Dona Benta* e *História das invenções*, as crianças do Sítio escutam a história contada por Dona Benta e interagem com a narrativa, maneira lobatiana de adaptar os textos estrangeiros.

Aqui, cabe ressaltar a importância do livro *História do mundo para as crianças* como uma das fontes a ser tomada na pesquisa para o doutorado. Este título lobatiano consiste naadaptação da obra norte-americana *A Child’s History of the World,* de Virgil Mores Hillyer (1875-1931), publicado em 1924, a partir de uma experiência da Calvert School, voltada para a educação de crianças que não frequentavam escola. Do sistema de ensino domiciliar, o Home Instruction Department, criado por Hillyer em 1905, deriva a produção de material e de estratégias para compensar a ausência do professor e da sala de aula.

Escritor perspicaz e atento a seu público, Hillyer vale-se de recursos estruturais e estilísticos em sua escrita voltada para as crianças, entre os quais, a escolha e o uso criterioso de palavras capazes de despertar a atenção e a criatividade; a transmissão de informações claras e precisas, ligadas à realidade do leitor; o aproveitamento do aspecto visual de capítulos com títulos extremamente provocativos e o uso de imagens[[15]](#footnote-15).

Assim como o escritor norte-americano utiliza determinadas estratégias para atrair seus leitores, Monteiro Lobato, como se sabe, também se prende à elaboração de um estilo calcado na clareza da linguagem. Se alguma palavra ou expressão apresenta qualquer tipo de dificuldade para o leitor, ele encaixa didaticamente uma explicação, como nesta passagem em que temos o significado das palavras “Mesopotâmia” e “Mediterrâneo”, em sua tradução/ adaptação, *História do mundo para as crianças*:

“[...] As terras compreendidas entre os dois rios [Tigre e Eufrates] são famosas, porque nelas muitas civilizações se formaram, que depois foram destruídas. Mesopotâmia, chama-se essa região. Vamos ver quem decompõe esta palavra.

“Pedrinho olhou para a menina, a menina olhou para a boneca, a boneca olhou para o visconde. Mas nenhuma boca abriu.

“– *Meso*, em grego, explicou dona Benta, quer dizer entre, e *potamos* quer dizer rio. Terra entre rios é o que significa a palavra Mesopotâmia. Se agora olhamos para oeste, vemos um mar chamado Mediterrâneo, que banha um país chamado Egito. Que quer dizer Mediterrâneo, Pedrinho?

“– Isso eu sei. Quer dizer mar entre terras, ou no meio de terras.”[[16]](#footnote-16)

O papel ativo da criança no processo da aprendizagem é uma preocupação que aproxima Hillyer e Lobato, tendo este se envolvido com o movimento escolanovista e com os pioneiros da Escola Nova e cultivado correspondência com Anísio Teixeira (1900-1971). Segundo Míriam Giberti Páttaro Pallotta, os teóricos que influenciaram o trabalho de Hillyer foram Rousseau, Pestalozzi, Herbart, Froebel e William James[[17]](#footnote-17). Outro ponto em comum é que ambos consideram a opinião de seus leitores no processo de criação de suas obras.

Raquel Afonso da Silva, na tese de doutoramento *Entre livros e leituras: Um estudo de cartas de leitores,* traz o diálogo entre Monteiro Lobato e a menina Maria de Lourdes (apelidada de Rã) que, em carta de 1940, procura participar da criação de *A reforma da Natureza*, livro que sai em 1941. Fato é que Lobato transforma a leitora no personagem Rã da narrativa em que incorpora as propostas recebidas[[18]](#footnote-18). V. M. Hillyer também dispunha de leitores que lhe davam opinião sobre seus livros. Míriam Giberti Páttaro Pallotta nos conta que era costume dele consultar os alunos da Calvert School sobre seus escritos. Aliás, o manuscrito de *A Child’s History of the World* foi lido para os alunos pelo próprio Hillyer[[19]](#footnote-19).

Em 1924 é publicada a primeira edição de *A Child’s History of the World*, pela editora The Century Co., com sede em Nova Iorque e Londres. Já a versão de Monteiro Lobato vem à luz em 1933 pela Cia. Editora Nacional, parte da Coleção Biblioteca Pedagógica Brasileira – Literatura Infantil, Série I, dirigida por Fernando de Azevedo. Recriada para o público brasileiro, essa foi, entre todas as obras de Lobato, a que teve maior tiragem editorial no período 1927-1955, alcançando um total de 92.156 exemplares[[20]](#footnote-20). Curiosamente, Godofredo Rangel também fez sua versão da obra de Hillyer e a intitulou *Pequena história do mundo para crianças*, porém, não conseguimos encontrar a data da edição.

Em visita a Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, localizamos no acervo o exemplar de *A Child’s History of the World*, de Virgil Mores Hillyer, com notas da leitura de Lobato que recuperam elementos da gênese da adaptação*,* quando as anotações correspondem a um primeiro manuscrito conhecido da *História do mundo para as crianças.*

O exemplar de Lobato da obra de Hillyer é da 1ª edição e 15ª impressão, em 1924. Reproduzimos aqui apenas algumas das imagens das páginas que contêm algum tipo de anotação ou recorte de fragmento.

|  |  |
| --- | --- |
| C:\Users\Camila\Documents\Mestrado - Universidade de São Paulo\Fotos do A Child's History of the World\DSCF0001.JPG | |
| Capa do exemplar de *A Child’s History of the World* de Lobato, conservado no acervo da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, São Paulo. | Folha de rosto do exemplar conservado no acervo do escritor  (Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, São Paulo) |

Há anotações a grafite em cinquenta e quatro páginas e, em sua maioria, estão relacionadas às ilustrações no exemplar, sendo que apenas oito destacam o texto:

|  |  |
| --- | --- |
| C:\Users\Camila\Documents\Mestrado - Universidade de São Paulo\Fotos do A Child's History of the World\DSCF0804.JPG | |
| Ilustração do ostracismo assinalada com cruzeta a lápis azul na leitura de Lobato  (Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, São Paulo) | Trecho destacado a grafite na margem direita na leitura, de Lobato; referente à carência de leitura na Idade Média  (Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, São Paulo) |

Uma análise das notas marginais no exemplar permitiu que se traçasse relações entre elas e o texto, tomamos a primeira edição da *História do mundo* de Lobatopara restabelecer esse diálogo do tradutor/ recriador com o livro de Hillyer, tendo em vista que o criador de Emília tinha por costume alterar momentos de sua obra a cada nova edição; em seu *work in progress,* acrescentava imagens, palavras e até mesmo trechos[[21]](#footnote-21).

Na versão de Lobato, Jurandir Ubirajara Campos é quem assina a ilustração. Entretanto,quando comparadas, a *História do mundo para as crianças* repete muitas imagens da obra americana, ilustrada por Carle Michel Boog e M. S. Wright, crédito esse não acusado na edição lobatiana.

No exemplar de Lobato, as intervenções a grafite revelam a apropriação.

|  |
| --- |
|  |
| Notas de Lobato a grafite: quadriculado sobre a ilustração e indicação da apropriação a ser efetuada: “feita” e “Nilo”  (Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, São Paulo) |
|  |
| C:\Users\Camila\Downloads\foto (3).JPG  Ilustração reproduzida em *História do mundo para as crianças* |

|  |
| --- |
| Ilustração com notas de Lobato a grafite revelando a apropriação. Indicações “feita” e “2 desenhos”  (Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, São Paulo) |

A ilustração inglesa que exibe, juntos, King Charles e Oliver Cromwell acompanhada de cruzeta a grafite riscada por Lobato, mostra também a apropriação por parte deste, nas indicações “feita” e “2 desenhos”. Na *História do mundo*, os personagens são separados.

|  |  |
| --- | --- |
| C:\Users\Camila\Documents\Mestrado - Universidade de São Paulo\Fotos do A Child's History of the World\História do Mundo\foto 1 (2).JPG  Apropriação do retrato e da legenda em *História do mundo para as crianças* | C:\Users\Camila\Documents\Mestrado - Universidade de São Paulo\Fotos do A Child's History of the World\História do Mundo\foto 2 (2).JPG  Apropriação do retrato e da legenda em *História do mundo para as crianças* |

Estão também materializadas as apropriações no exemplar de Lobato do livro de Hillyer, vinculadas à extração de fragmentos com estilete. Assim, o nome do monarca babilônico Nabucodonosor, na escrita cuneiforme, é cortado para reaparecer em *História do mundo para as crianças*:

|  |  |
| --- | --- |
| **C:\Users\Camila\Downloads\foto (6).JPG** | |
| Lobato corta de *A Child’s History of the World* o nome de Nabucodonosor em escrita cuneiforme  (Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, São Paulo) | Reprodução da imagem em *História do mundo para as crianças* |
|  | |

Em se tratando do manuscrito da *História do mundo para as crianças,* além das anotações e do recorte de fragmentos, na terceira capa do exemplar, encontram-se duas indicações de datas, “7/1/33” e “4/3/33”, acusando dois prováveis períodos de leitura da obra norte-americana:

|  |
| --- |
| Anotação das datas “7/1/33” e “4/3/33” a grafite e lápis vermelho  (Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, São Paulo) |

Afora o exemplar encontrado na Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, é importante mencionar que, logo no início de *História do mundo para as crianças*, D. Benta apresenta a matriz da história que contará no Sítio do Picapau Amarelo:

“Dona Benta era uma senhora de muita leitura, que além de ter uma biblioteca de várias centenas de volumes ainda recebia, mandadas por um livreiro da capital, as novidades mais interessantes do momento.

“Uma tarde o correio trouxe-lhe um pacote com duas obras de lindas sobrecapas coloridas – sistema americano. De fato vinham dos Estados Unidos e eram a *Child’s History of the World* e a *Child’s Geography of the World*, de V. M. Hillyer, diretor da Calvert School, de Baltimore.

“Dona Benta leu os livros com cara de quem estava gostando; depois folheou e releu vários volumes da sua biblioteca, que tratavam de assuntos semelhantes, e disse consigo: ‘Bela ideia! A história do mundo é um verdadeiro romance que pode muito bem ser contado às crianças. Meninos assim da idade de Pedrinho e Lucia estou certa de que hão de gostar e aproveitar bastante’.

“E, voltando-se para os dois:

“– Olhem, vamos ter novidade amanhã. Uma história nova que eu vou contar, muito comprida...

“– De urso que vira príncipe? quis saber a Emília?

“–Não. A história que vou contar é a história do mundo, ou universal, como muitos dizem. Fiquem todos avisados e estejam aqui às sete horas em ponto” [[22]](#footnote-22)

Escritor, adaptador e personagem se misturam. Dona Benta, grande contadora de histórias, vale-se da leitura de *A Child’s History of the World* e de outros livros de sua biblioteca para narrar a história do mundo, recurso estruturador utilizado por Lobato para adaptar a obra norte-americana. Cabe lembrar que tal estratégia permitiu também que o livro de Hillyer fosse adaptado e atualizado, com o acréscimo de alguns capítulos na 9ª e 11ª edições e de elementos locais, referentes ao próprio Sítio e ao Brasil[[23]](#footnote-23).

Sabemos que muitas são as possibilidades de trabalho com o manuscrito de Lobato e a adaptação *História do mundo para as crianças*. Tendo em vista que para o mestrado trabalhamos apenas parcialmente com este obra, devido ao enfoque da pesquisa ser o Monteiro Lobato leitor, o projeto para o doutorado propõe dar continuidade aos estudos focalizando-se na faceta de tradutor/ adaptador.

Em sendo assim, a primeira etapa do projeto objetiva aprofundar-se nas traduções e adaptações empreendidas por Lobato; em seguida, fazer uma leitura comparada entre a obra *A Child’s History of the World* e *História do mundo para as crianças*, considerando questões como a adaptação efetuada, a recepção e até mesmo estabelecer outras relações ainda não exploradas nas notas de leitura deixadas no manuscrito encontrado na Biblioteca Infantil Monteiro Lobato.

.

# Objetivos:

Diante dessa perspectiva, o presente trabalho tem por objetivo:

1. Identificar e discutir as traduções/ adaptações assinadas por Monteiro Lobato.
2. Investigar fontes de informação que permitam estabelecer a relação Monteiro Lobato e as traduções/ adaptações que realizava.
3. Recuperar na correspondência lobatiana (fonte primária e publicações) indicações relacionadas ao tema da pesquisa.
4. Comparar a obra *A Child’s History of de World*, de Hillyer, e sua adaptação *História do mundo para as crianças*, de Monteiro Lobato.

# Material e método:

No intento investigar a produção de Monteiro Lobato enquanto tradutor/ adaptador, será feito um levantamento de tais títulos, de modo a discutir os processos adotados por ele bem como relacionar características de sua prática tradutória.

Assim sendo, a pesquisa apoia-se nos pressupostos teóricos na vertente de Estudos da Tradução e Estudos da Adaptação, além de instrumentais críticos da Teoria Literária e da Crítica Textual.

Em se tratando da adaptação *História do mundo para as crianças,* foi localizada a tese de doutorado de Míriam Giberti Páttaro Pallotta *Uma história meio ao contrário: estudo sobre a obra* História do Mundo para as crianças*, de Monteiro Lobato* [[24]](#footnote-24), na qual são levantados aspectos da versão de Lobato e da tradução de Godofredo Rangel, *Pequena história do mundo para crianças.* Entretanto, Pallotta nos alertas que os objetivos de seu trabalho restringiram-se a analisar como o leitor está presente nas obras abordadas, quais as estratégias textuais que presentificam seu destinatário, e qual o conceito de história difundido por elas. Embora a tese se enverede por questões relacionadas à literatura comparada, à educação e à tradução, Pallotta trabalha apenas algumas reflexões relacionadas a estas áreas[[25]](#footnote-25).

Diante disso, cabe mencionar que o presente trabalho visa a comparar a obra *A Child’s History of de World*, de Hillyer, e a adaptação *História do mundo para as crianças*, de Monteiro Lobato, voltando-se para questões literárias na análise dos textos, a serem definidas ao longo da pesquisa de doutorado. Outro ponto a ser discutido trata-se da carência de estudos acerca de V. M. Hillyer, de modo que não encontramos artigos ou pesquisas brasileiras que lidem com sua produção literária. Para tanto, propõe-se que no doutorado investigue-se mais sobre este escritor que tanto encantou Monteiro Lobato. Para isso, pretende-se visitar a Calvert School, escola primária localizada na cidade de Baltimore, estado norte-americano de Maryland, na qual Hillyer foi professor e diretor até 1931, ano de seu falecimento.

Em relação às obras que Lobato traduzia, adaptava ou editava, com as quais travava algum tipo de diálogo, merecem destaque a dissertação e a tese de Adriana Silene Vieira, respectivamente *Um inglês no sítio de Dona Benta (Estudo da apropriação de Peter Pan na obra infantil lobatiana)* e *Viagens de Gulliver ao Brasil (Estudo das adaptações de Gulliver’s Travels por Carlos Jansen e por Monteiro Lobato)*[[26]](#footnote-26); a dissertação de Lilian Escorel de Carvalho, *Monteiro Lobato e Manuel Antônio de Almeida: um caso de co-autoria na história do livro e da literatura no brasil* [[27]](#footnote-27); a tese de Elizamari Rodrigues Becker, *Forças motrizes de uma contística pré-modernistas: o papel da tradução na obra ficcional de Monteiro Lobato[[28]](#footnote-28).*

Ao longo dessa pesquisa, outros estudos poderão ser apontados para o aprofundamento do tema proposto.

# Procedimentos metodológicos

* + Cumprimento dos créditos da pós-graduação;
  + Leitura da obra completa de Monteiro Lobato;
* Leituras e análise da obra *A Child’s History of the World* e *História do mundo para as crianças*;
* Leitura da bibliografia relativa ao projeto;
* Levantamento da Fortuna Crítica de Monteiro Lobato;
* Pesquisa e coleta de materiais acerca de Hillyer em visita à Calvert School, na cidade de Baltimore;
* Seleção do corpus a ser trabalhado na pesquisa;
* Organização de banco de dados dos materiais selecionados;
* Seleção dos textos a serem trabalhados;
* Análise dos textos selecionados;
* Redação da primeira versão da monografia;
* Apresentação no exame de qualificação;
* Redação final da monografia;
* Apresentação final e defesa da tese.

# Cronograma

|  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| Atividade | 1° Sem. | 2° Sem. | 3° Sem. | 4° Sem. | 5° Sem. | 6° Sem. | 7° Sem. | 8° Sem. | 9° Sem. |
| Cumprimento dos créditos da pós-graduação | **X** | **X** | **X** |  |  |  |  |  |  |
| Leitura da obra completa de Monteiro Lobato | **X** | **X** | **X** | **X** | **X** | **X** | **X** | **X** | **X** |
| Leituras e análise da obra *A Child’s History of the World* e *História do mundo para as crianças* | **X** | **X** | **X** | **X** | **X** | **X** | **X** |  |  |
| Leitura da bibliografia relativa ao projeto | **X** | **X** | **X** | **X** | **X** | **X** | **X** | **X** | **X** |
| Levantamento da Fortuna Crítica de Monteiro Lobato | **X** | **X** | **X** | **X** | **X** | **X** | **X** |  |  |
| Pesquisa e coleta de materiais acerca de Hillyer em visita à Calvert School, na cidade de Baltimore |  |  |  | **X** |  |  |  |  |  |
| Seleção do corpus a ser trabalhado na pesquisa |  |  | **X** | **X** | **X** | **X** |  |  |  |
| Organização de banco de dados dos materiais selecionados |  |  | **X** | **X** | **X** | **X** | **X** | **X** |  |
| Seleção dos textos a serem trabalhados |  |  | **X** | **X** | **X** | **X** |  |  |  |
| Análise dos textos selecionados |  |  |  |  | **X** | **X** | **X** | **X** |  |
| Redação da primeira versão da monografia |  |  | **X** | **X** | **X** |  |  |  |  |
| Apresentação no exame de qualificação |  |  |  |  | **X** | **X** |  |  |  |
| Redação final da monografia |  |  |  |  |  | **X** | **X** | **X** | **X** |
| Apresentação final e defesa da tese |  |  |  |  |  |  |  |  | **X** |

# Bibliografia preliminar

AMORIM, Lauro Maia. “Os lugares discursivos do tradutor e do adaptador e os meandros da visibilidade”. In: *Tradução em Revista*, Departamento de Letras PUC-Rio, n.2 , Rio de Janeiro: Publit Soluções Editoriais, 2005, p. 19-35.

\_\_\_\_\_\_. *Tradução e adaptação: encruzilhadas da textualidade em* Alice no País das Maravilhas, *de Lewis Carrol, e* Kim*, de Rudyard Kipling*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

AUBERT, Francis Henrik. As (in)fidelidades da tradução: servidões e autonomia do tradutor. 2. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994.

AZEVEDO, Carmen Lúcia de, CAMARGOS, Márcia, SACCHETTA, Vladimir. Monteiro *Lobato: furacão na Botocúndia*. São Paulo: SENAC, 1997.

BECKER, Elizamari Rodrigues. *Forças motrizes de uma contística pré-modernista: o papel da tradução na obra ficcional de Monteiro Lobato.* Tese de Doutorado (orientação: Patrícia Lessa Flores da Cunha). Porto Alegre: Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

BEDÊ, Ana Luiza Reis. *Monteiro Lobato e a presença francesa em A barca de Gleyre*. Tese de mestrado (orientação Gilberto Passos). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2004.

BOSI, Alfredo. “Lobato e a criação literária”. In: *Boletim bibliográfico biblioteca Mário de Andrade*. v. 43, n. 1/2. São Paulo: [s.n], 1982.

BRITO, Regina Helena Pires de. A Influência de autores estrangeiros em Lobato e a constituição da Brasilina. *Revista do GELNE.* v. 4, n. 2. [S.l], 2002. Disponível em: < <http://www.gelne.ufc.br/revista_ano4_no2_21.pdf> >. Acesso em: 11 agosto 2010.

CARVALHO, Lilian Escorel de. *Monteiro Lobato e Manuel Antônio de Almeida: um caso de co-autoria na história do livro e da literatura no brasil.* Dissertação de Mestrado (orientação Alice Mitika Koshyama). São Paulo: Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2002.

CASSAL, Sueli Tomazini Barros. *Amigos escritos: quarenta e cinco anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2002.

\_\_\_\_\_\_. *Amigos escritos: quarenta e cinco anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*. Dissertação de Mestrado (orientação Ana Maria Lisboa de Mello). Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.

CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo: Nacional, 1955.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita.* Tradução de Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

\_\_\_\_\_\_. *A história cultural: entre práticas e representações.* Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990.

DEBUS, Eliane Santana Dias.  *O leitor, esse conhecido: Monteiro Lobato e a formação de leitores.* Tese de Doutorado (orientação Regina Zilberman). Rio Grande do Sul: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2001.

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. 6ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FROTA, Maria Paula. “O dizer e o fazer na tradução”. In: Anais do XII Congresso da ASSEL-RIO. Rio de Janeiro: ASSEL-RIO, 2003.

\_\_\_\_\_\_. “Traduzir é mesmo manipular?”. In: Anais do IX Encontro Nacional de Tradutores, Fortaleza, 2004.

\_\_\_\_\_\_. “Tradução e ética”. In: Anais do III CIATI – Congresso Ibero-Americano de Tradução e Interpretação. São Paulo, 2004.

GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (org.) *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre carta.* São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GOMES, Angela de Castro (org). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GRÉSILLON, Almuth. “Alguns pontos sobre a história da Crítica Genética”. In: *Estudos Avançados*. v. 5, n. 11. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1991.

\_\_\_\_\_\_. *Elementos de crítica genética: ler os manuscritos modernos.* Porto Alegre: Editora UFGRS, 2007.

HILLYER, V. M. *A Child’s History of the World.* 1ª ed, 15ª impressão. Nova York/ Londres: TThe Century Co., 1924. (exemplar conservado no Acervo da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, com notas da leitura de Lobato).

HUTCHEON, Linda. *A Theory of Adaptation*. London: Routledge, 2006.

JAKOBSON, R. Aspectos lingüísticos da tradução. In: *Lingüística e Comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1971. p. 63-72.

KRAUSS, Liliane*. A barca de Gleyre: Estilo e criação literária nas cartas de Lobato a Rangel.* Dissertação de Mestrado (orientação Maria Aparecida Junqueira). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2007.

LAJOLO, Marisa. (Org.); Ceccantini, João Luis (Org.). *Monteiro Lobato livro a livro* (obra infantil). São Paulo: Editora Unesp, 2008.

LAJOLO, Marisa. (Org.). *Monteiro Lobato livro a livro* (obra adulta). São Paulo: Editora Unesp, 2014.

LATHEY, Gillian. *The Translation of Children’s Literature: a Reader*. Clevedon: Multilingual Matters, 2006.

LEFEVERE, André. *Translation, Rewriting, & the Manipulation of Literary Fame*. London: Routledge, 1992.

LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. Edição coordenada por Arlete Alonso. São Paulo: Globo, 2010, São Paulo: Globo, 2010

\_\_\_\_\_\_. *História do mundo para as crianças.* 1ª ed. Biblioteca pedagógica brasileira – Literatura infantil, série I, vol. X. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1933

\_\_\_\_\_\_. *Cartas escolhidas*. 2º tomo. São Paulo: Brasiliense, 1959,

LOPEZ, Telê Ancona. A criação literária na biblioteca do escritor. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 59 n.1, Jan./Mar. 2007. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252007000100016&script=sci_arttext> Acesso em: 05 jun 2012.

MARTINS, Milena Ribeiro. *Lobato edita Lobato*: história das edições dos contos lobatianos. Tese de Doutorado (orientação Marisa Lajolo). Campinas: Unicamp, 2003.

\_\_\_\_\_\_. *Quem conta um conto... aumenta, diminui, modifica. O processo de escrita do conto lobatiano*. Dissertação de Mestrado (orientação Enid Yatsuda Frederico). Campinas: Unicamp, 1998.

MILTON, John. *O poder da tradução*. São Paulo: Ars Poética, 1993. (reeditado como Tradução: Teoria e Prática, Martins Fontes, São Paulo, 1998 e 2010)

\_\_\_\_\_\_. “The Translation of Classic Fiction for Mass Markets. The Case of a Brazilian Book Club, the Clube do Livro*”, The Translator*, Volume 7, Number 1, 2001, 43-69.

\_\_\_\_\_\_. *O clube do livro e a tradução.* Bauru: Edusc, 2002.

\_\_\_\_\_\_. Tradução (e identidade) política: as adaptações de Monteiro Lobato e o Julio César de CarlosLacerda”. In: MARTINS, Marcia A. P. (Org.). *Visões e identidades brasileiras de Shakespeare*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p. 81-100.

\_\_\_\_\_\_. “The Political Adaptations of Monteiro Lobato”. In: Tradução, retradução e adaptação, *Cadernos de Tradução*, no. XI, 2003/1. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2004, p. 211-227.

MONTEIRO, Mário Feijó Borges. Adaptações de clássicos literários brasileiros: Paráfrases para o jovem leitor. Dissertação de Mestrado(orientação Marília Rothier Cardoso). PUC-Rio, Rio de Janeiro: 2002.

MORAES, Marcos Antonio de (org.). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: Edusp/ IEB-USP, 2000.

NEUSS, Vanete Dutra Santana. Se os leões fossem escultores... na visão de Monteiro Lobato. *Sínteses.* v. 13, p. 248-275. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2008. Disponível em: <http://www.iel.unicamp.br/ojs-234/index.php/sinteses/article/view/834/587>. Acesso em: 12 jan. 2014.

NITRINI, Sandra. *Literatura comparada* (história, teoria e crítica). São Paulo: Edusp, 2000.

NUNES , Cassiano *A correspondência de Monteiro Lobato*. São Paulo: s.n., 1982.

PALLOTTA, Míriam Giberti Páttaro. *Uma história meio ao contrário: um estudo sobre História do mundo para as crianças de Monteiro Lobato*. Tese Doutorado (orientação Carlos Erivany Fantinati). Assis, SP: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, 2001.

\_\_\_\_\_\_. Reflexões sobre a prática da tradução para Monteiro Lobato: análise da obra *Fábulas.* In: XI Congresso Internacional da ABRALIC. Tessituras, Interações, Convergências,13 a 17 de julho de 2008, São Paulo. Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/065/MIRIAM_PALLOTTA.pdf> Acesso em: 14 nov. 2013.

PEREIRA, Maria Otília Farto. *Estilo e metalinguagem na literatura de Monteiro Lobato*. Dissertação de Doutorado (orientação Jeane Mari Sant’Ana Spera). Assis, SP: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, 2004.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Flores da escrivaninha: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

PRADO, Amaya O. M. de Almeida. Adaptação à moda de Lobato. In: XI Congresso Internacional da ABRALIC : *Tessituras, Interações, Convergências,* São Paulo: USP, 2008. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/063/AMAYA_PRADO.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2014.

SANDERS, Julie. *Adaptation and Appropriation*. London: Routledge, 2006.

SILVA, Raquel Afonso da. *Entre livros e leituras: Um estudo de cartas de leitores.* Tese de Doutorado (orientação: Marisa Philbert Lajolo). Campinas, São Paulo: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2009.

TIN, Emerson. *Em busca do “Lobato das cartas”: A construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários.* Tese de Doutorado (orientação Marisa Lajolo). Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2007.

VIEIRA, Adriana Silene. *Viagens de Gulliver ao Brasil* (Estudo das adaptações de Gulliver’s Travels por Carlos Jansen e por Monteiro Lobato)” Tese de Doutorado (orientação Marisa Lajolo). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2004.

\_\_\_\_\_\_. *Um inglês no sítio de Dona Benta* (Estudo da apropriação de Peter Pan na obra infantil lobatiana). Dissertação de Mestrado (orientação Marisa Lajolo). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1998.

ZULAR, Roberto (org.) *Criação em processo: ensaios de crítica genética*. São Paulo: Iluminuras: 2002.

1. Milena Ribeiro Martins aborda aspectos da atividade de Monteiro Lobato enquanto editor das próprias obras, terminado a primeira parte de sua tese com a conclusão de que não há como separar as diferentes esferas de atuação de um literato múltiplo como Lobato.

   Cf. MARTINS, Milena Ribeiro. *Lobato edita Lobato*: história das edições dos contos lobatianos. Tese de Doutorado (orientação Marisa Lajolo). Campinas: Unicamp, 2003, p. 130. [↑](#footnote-ref-1)
2. DEBUS, Eliane Santana Dias. *O leitor, esse conhecido: Monteiro Lobato e a formação de leitores*. Tese de Doutorado (orientação: Regina Zilberman). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2001, p. 37. [↑](#footnote-ref-2)
3. CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1955, p. 26. [↑](#footnote-ref-3)
4. LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre* Edição coordenada por Arlete Alonso. São Paulo: Globo, 2010, p.55-6. Carta de Taubaté, 20/01/1904. [↑](#footnote-ref-4)
5. IDEM, ibidem, p.48. Carta de Taubaté, 28/12/1903. [↑](#footnote-ref-5)
6. Benjamin Pinheiro manteve em Pindamonhangaba o jornal *Minarete,* de julho de 1903 a julho de 1907, no qual Lobato colaborava. [↑](#footnote-ref-6)
7. LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. Ed. cit., p. 54. Carta de São Paulo, 10/01/1904. [↑](#footnote-ref-7)
8. IDEM, ibidem, p. 234. Carta de Areias, 12/01/1910. [↑](#footnote-ref-8)
9. NEUSS, Vanete Dutra Santana. Se os leões fossem escultores... na visão de Monteiro Lobato. *Sínteses.* v. 13, p. 248-275. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2008. Disponível em: <http://www.iel.unicamp.br/ojs-234/index.php/sinteses/article/view/834/587>. Acesso em: 12 jan. 2014. [↑](#footnote-ref-9)
10. BECKER, Elizamari Rodrigues. *Forças motrizes de uma contística pré-modernista: o papel da tradução na obra ficcional de Monteiro Lobato.* Tese de Doutorado (orientação: Patrícia Lessa Flores da Cunha). Porto Alegre: Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006, p. 70. [↑](#footnote-ref-10)
11. LOBATO, Monteiro. *Cartas escolhidas*. 2º tomo. São Paulo: Brasiliense, 1959, p. 148. Carta escrita em 1945 para Diaulas Riedel, diretor da editora O Pensamento. [↑](#footnote-ref-11)
12. LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. Ed. cit., p. 370. Carta da Fazenda, 08/09/1916. [↑](#footnote-ref-12)
13. CAVALHEIRO, Edgard. *Op. cit.,* p. 537. [↑](#footnote-ref-13)
14. PALLOTTA, Míriam Giberti Páttaro. Reflexões sobre a prática da tradução para Monteiro Lobato:

    análise da obra *Fábulas.* In: XI Congresso Internacional da ABRALIC. Tessituras, Interações, Convergências,13 a 17 de julho de 2008, São Paulo. Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/065/MIRIAM_PALLOTTA.pdf> Acesso em: 14 nov. 2013. [↑](#footnote-ref-14)
15. PALLOTTA, Míriam Giberti Páttaro. *Uma história meio ao contrário: um estudo sobre História do mundo para as crianças de Monteiro Lobato*. Tese de Doutorado (orientação Carlos Erivany Fantinati). Assis, SP: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, 2001. [↑](#footnote-ref-15)
16. LOBATO, Monteiro. *História do mundo para as crianças.* 1ª ed. Biblioteca pedagógica brasileira – Literatura infantil, série I, vol. X. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1933, p. 20-1. [↑](#footnote-ref-16)
17. A partir do trabalho de Míriam Giberti, reunimos grande parte das informações que aqui retomamos sobre o trabalho de Hillyer e a obra *A Child’s History of the World*. Cf. PALLOTTA, Míriam Giberti Páttaro. *Uma história meio ao contrário: um estudo sobre História do mundo para as crianças de Monteiro Lobato*. Ed. cit., p. 22-40. [↑](#footnote-ref-17)
18. Cf. SILVA, Raquel Afonso da. *Entre livros e leituras: Um estudo de cartas de leitores.* Tese de Doutorado (orientação: Marisa Philbert Lajolo). Campinas, São Paulo: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2009. [↑](#footnote-ref-18)
19. PALLOTTA, Míriam Giberti Páttaro. *Uma história meio ao contrário: um estudo sobre História do mundo para as crianças de Monteiro Lobato*. Ed. cit., p. 39. [↑](#footnote-ref-19)
20. PALLOTTA, Miriam Giberti Páttaro. “História do mundo para as crianças: uma obra inovadora”. In: LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís. (Org.). *Monteiro Lobato, livro a livro.* 1 ed. São Paulo: UNESP e Imprensa Oficial, 2008, p. 222. [↑](#footnote-ref-20)
21. PALLOTTA, Míriam Giberti Páttaro. *Uma história meio ao contrário: um estudo sobre História do mundo para as crianças de Monteiro Lobato*. Ed. cit., p. 286-337. [↑](#footnote-ref-21)
22. LOBATO, Monteiro. *História do mundo para as crianças.* Ed cit., p. 7. [↑](#footnote-ref-22)
23. Cf. PALLOTTA, Míriam Giberti Páttaro. *Uma história meio ao contrário: um estudo sobre História do mundo para as crianças de Monteiro Lobato*. Ed. cit., p. 252. [↑](#footnote-ref-23)
24. PALOTTA, Míriam Giberti Páttaro. *Uma história meio ao contrário: estudo sobre a obra* História do Mundo para as crianças*, de Monteiro Lobato.* Ed. cit.. [↑](#footnote-ref-24)
25. IDEM, ibidem, p. 14. [↑](#footnote-ref-25)
26. VIEIRA, Adriana Silene *Um inglês no sítio de Dona Benta (Estudo da apropriação de Peter Pan na obra infantil lobatiana).* Dissertação de Mestrado (orientação Marisa Lajolo). Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 1998.

    IDEM. *Viagens de Gulliver ao Brasil* (Estudo das adaptações de Gulliver’s Travels por Carlos Jansen e por Monteiro Lobato)” Tese de Doutorado (orientação Marisa Lajolo). Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2004. [↑](#footnote-ref-26)
27. CARVALHO, Lilian Escorel de. *Monteiro Lobato e Manuel Antônio de Almeida: um caso de co-autoria na história do livro e da literatura no brasil.* Dissertação de Mestrado (orientação Alice Mitika Koshyama). São Paulo: Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2002. [↑](#footnote-ref-27)
28. BECKER, Elizamari Rodrigues. *Forças motrizes de uma contística pré-modernista: o papel da tradução na obra ficcional de Monteiro Lobato. Op. cit*. [↑](#footnote-ref-28)